

TECENDO ENCONTROS: MONITORIA COMO ENTRELAÇAMENTO DE IDEIAS

STELA SOARES KUBIAKI; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – stela.kubiaki@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O que é tecer? O que pode ser tecido? Tomando o ateliê como um lugar de criação, essas questões inauguram a disciplina de Ateliê de Arte Têxtil II, ministrada pela Profa. Dra. Martha Gomes de Freitas e são retomadas neste momento de reflexão.

A partir delas proponho uma escrita levando em conta referenciais teóricos e visuais que ampararam a disciplina e que se mantêm presentes no meu pensamento. Mais especificamente seleciono a obra *Divisor* de Lygia Pape como um dispositivo pontual para as ideias trazidas neste breve relato.

No contexto da arte contemporânea, ao qual a disciplina se direciona, a linguagem visual têxtil expande uma série de procedimentos poéticos reconfigurando relações. O filósofo e semiólogo Roland Barthes nos diz que “Texto quer dizer Tecido” (BARTHES, 2002, p.74), compreendendo um comprometimento entre o sujeito e as ideias que vão sendo desenvolvidas no momento da escrita. Neste texto pontuo que tecer é, portanto, um verbo que diz da condução, da observação e do envolvimento no decorrer de uma construção entrelaçada, seja na relação com os fios, com os argumentos ou, neste caso, no que diz respeito ao próprio processo de ensino.

De acordo com o *Guia Prático de Monitoria*, material desenvolvido pelo Núcleo de Apoio as Tecnologias Educacionais da UFPel, são atribuições do monitor: mobilizar interações, auxiliar o docente no processo de ensino, acompanhar e dar suporte aos discentes em relação à disciplina e a plataforma, identificar dificuldades e desenvolver atividades (NATE, 2021).

Nesse sentido, compreendendo o ensino e a aprendizagem como um cruzamento de ideias e ações, estabeleço a partir da linguagem têxtil, do vocabulário que a disciplina me oferece, três termos na condução deste relato: fio, trama e tecido. Percebo assim, nesta analogia, o professor como um fio condutor, um sujeito que costura conceitos, conduzindo as reflexões para um pensamento crítico, o monitor como um mediador na formação dessa trama e, essa construção com os colegas e alunos, como o tecido que se forma nesse encontro.

2. METODOLOGIA

Durante o semestre 2020/2 acompanhei a disciplina optativa de Ateliê de Arte Têxtil II, oferecida para o curso de Bacharelado em Artes Visuais/UFPel, em modalidade remota, bem como estabeleci um horário semanal em que estive disponível para trocas, dúvidas e questionamentos. As atividades propostas foram acordadas com a professora ministrante permitindo um contato direto e contínuo com os alunos, bastante rico para minha formação.

Tendo em vista o cenário de pandemia de COVID-19, a disciplina foi integralmente ministrada em ambiente virtual, sendo possível realizar as atividades através de aulas síncronas por web conferência a partir da plataforma e-

aula/UFPEL, além de compartilhamento de conteúdos, estudos e obras de referência. Acompanhei todo este processo como aluna e monitora. Por vezes fui solicitada fora do ambiente de aula para sanar dúvidas, oferecer breves pontuações e ativar algumas provocações, sempre estimulando a produção prática e o pensamento crítico.

Como estratégia para interação semanal dentro do período de monitoria pré combinado com os alunos, além de encontros com outras ênfases, foram feitos alguns para assistirmos determinados filmes¹ que, de modo um pouco mais descontraído, pudessem pontuar e adicionar questões próprias a disciplina. Optou-se por variar as linguagens e abordagens fílmicas, objetivando uma ampliação de repertório teórico e visual.

Tendo em vista o pensamento de que monitoria é uma prática dinâmica, após as sessões online, as produções foram discutidas a partir do ponto de vista da disciplina. Numa espécie de *conversa fiada*², algumas dessas reflexões reverberaram em discussões mais ricas durante as aulas, sendo assimiladas gradualmente no decorrer do semestre. A construção dessa rede foi fundamental para estabelecer um repertório mais pertinente para as produções práticas pessoais, sendo imprescindível para as relações de ensino e aprendizagem nesse viés de ateliê.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento, para a escrita deste texto, me questiono: O que é um relato de monitoria?

Para as Artes Visuais, sobretudo em uma disciplina de ateliê, não cabem dados ou tabelas quantitativas que definam maior ou menor aproveitamento. A atividade de monitoria tem em vista, em paralelo às dinâmicas da professora, reforçar processos de curiosidade, de pensamento crítico, questionamentos que amparem a produção prática e a sua compreensão. Para uma experiência ser válida, ser positiva, percebo que é necessário que se produza um movimento contínuo e compartilhado que se abra para o outro em sua singularidade, auxiliando assim no entendimento particular de camadas de leitura e de conceitos – um lugar de diálogo aberto.

Trago a ideia de encontros tecidos, uma vez que a monitoria costura os saberes adquiridos nas aulas, as proposições da professora, alinhando-os aos interesses trazidos pelos alunos. A partir dessa rede de compartilhamentos, perceber o pensamento do outro, captar as intenções, aprender junto, ainda que de maneira virtual, é possível e necessário a partir de diálogos e negociações mediadas pelas ações da monitoria.

Como imagem-dispositivo para o texto trago um dos trabalhos apresentados na disciplina no escopo da arte contemporânea, nele, o têxtil, o tecido, é o material básico, mas as questões implicadas no trabalho se estabelecem em torno das relações.

Divisor, 1968 (Figura 1), da artista brasileira Lygia Pape, é constituído por um pano branco de 30 x 30 metros com diversas fendas, ativado por um grande número

¹ A *Cor da Romã* (1968) de Sergei Paradjanov, *Colcha de Retalhos* (1995) de Jocelyn Moorhouse e o documentário *A Paixão de JL* (2015) de Carlos Nader. Os encontros foram realizados na plataforma online Google Meet.

² Ao longo do semestre este termo foi discutido como possibilidade de tratar das conversas que surgem a partir de afetos e trocas, abordagem que se nutre do pensamento da filósofa contemporânea Silvia Federici.

de pessoas que inserem as cabeças nas aberturas do tecido. O trabalho, em seu movimento, se dá a partir do deslocamento das pessoas, ou seja, trata-se de uma ação estética posta na relação entre o sujeito, o tecido e o espaço - algo coletivo. O trabalho realizado em contexto de ditadura militar expõe o seu caráter provocativo em um momento em que as pessoas eram impedidas de estarem próximas, contudo, este aspecto de uma presença coletiva ainda se faz extremamente atual.



Figura 1 – *Divisor* (1968), Lygia Pape. Proposição coletiva. Tecido com aberturas e pessoas.

O grupo de pesquisa *ArteVersa - estudo e pesquisa em arte e docência* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, destaca que:

De alguma forma, a obra *Divisor* une os participantes, formando um corpo só com muitas cabeças (e pensamentos, talvez). Para movimentar-se, esse corpo precisa de negociação, ação coletiva, materializando uma experiência viva de alteridade. Como dividir espaços e movimentos com os outros? Que espaços políticos somos capazes de construir nos dias atuais? Seria possível pensarmos essas questões nos espaços pedagógicos que habitamos como professores? (ARTEVERSA, 2017).

Os encontros virtuais, essas conexões que agora se estabelecem plenamente em ambiente remoto, dão brecha para pensarmos um contraponto com *Divisor*. Reflito sobre como se dá o ensino e a aprendizagem em modelo virtual, compreendendo que apesar do contexto diferenciado, também estamos impedidos de uma proximidade física.

Em *Divisor* há uma reeducação do corpo e do pensamento que se coloca coletivamente pois a comunicação entre os sujeitos se estabelece principalmente através do tecido maleável que envolve a todos. À medida que ele é puxado para um lado ou outro, as tensões são percebidas e atenuadas para que se possa andar em conjunto. Há todo um movimento que é dimensionado pela experiência coletiva com o outro e com o espaço.

Percebendo que o tecido atua como um mediador, pontuo essa aproximação com o sentido que atribuo à monitoria. As fendas e brechas deste tecido dialogam com o que proponho ao defender que as atividades ocorram através de convites para o outro, espaços de escuta e troca. São vãos e aberturas que precisam ser oferecidos para que as articulações se deem de forma dinâmica, respeitando particularidades.

Voltando a citação trazida pelo Arteversa, pensando nos espaços pedagógicos que compartilhamos, vejo a monitoria como essa área ativa capaz de

tramar os interesses dos alunos junto à disciplina. Ainda que fisicamente distantes, a monitoria fortalece uma educação em rede. Retomando as questões propostas aos alunos pela professora, recontextualizando as abordagens e os exemplos através das dinâmicas dos encontros, abro um espaço a mais para a elaboração de um pensamento crítico em torno dos tópicos da disciplina.

Em uma entrevista para os críticos de arte Paulo Venancio Filho, Glória Ferreira e Ronald Duarte, Lygia Pape defende que “[...] arte não se ensina [...]” (PAPE, 1998. p.12), a artista nesse momento fala da sua experiência como professora e sinaliza neste dizer que sua condução no contexto do ensino se materializa através de proposições que levem a um processo (idem). Penso que a monitoria participa desse posicionamento, próprio às disciplinas de ateliê, sendo muito mais um meio, um lugar de experimentação e troca do que um fechamento das ideias propostas em ambiente de aula. Algo se reconfigura nas relações de ensino e aprendizagem à medida que o monitor estabelece esse outro espaço de diálogo com os alunos, na tentativa de construir uma tessitura de conhecimentos compartilhados, que contribuem para um enriquecimento mútuo.

4. CONCLUSÕES

Muito se diz da monitoria como ponte, ou seja, a relação de articulação entre aluno e professor. Após essa experiência, penso a monitoria como ponto de costura, uma linha que perpassa as duas faces de um mesmo tecido, pois um caminho foi traçado. Como mencionado, penso que esse tecido se estabelece através de uma série de sujeitos, tal como em *Divisor*. O professor puxa os primeiros fios, o monitor auxilia criando tramas e o resultado desse compartilhamento com os alunos constrói um plano organizado, um grande tecido maleável. Bem como *Divisor*, essa trama construída não é definitiva, possui fendas, é fluída e permite movimentos, atravessamentos e novas tensões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

EBA/UFRJ. **Dossiê Lygia Pape**. Arte e Ensaios 5. Rio de Janeiro: Revista do Mestrado em História da Arte, 1998. Acessado em 03 de Agosto de 2021. Disponível em <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacao/arte-ensaios-5/>

FREDERICE, Silvia. **A história oculta da fofoca: patriarcado e silenciamento das mulheres**. Acessado em 29 de Julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B1iqE885Kac&feature=youtu.be>

NATE/UFPEL. **Guia Prático de Monitoria**. Pelotas: NATE/UFPeI, 2021. Acessado em 02 Agosto de 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nate/files/2021/04/Guia-do-Monitor.pdf>

UFRGS. **Lygia Pape – Experimentações com Arte e Vida**. ArteVersa. Acessado em 28 de Julho de 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/lygia-pape-experimentacoes-com-arte-e-vida/>